

SERRA-PILAR

www.serradopilar.com | 2 Advento, 04.12.2022 | ano 47º | nº 2290

**o encanto**

***Advento***

**do caminho**



# Advento 2022

**N**O PASSADO DOMINGO, dia 27 de novembro, começou o **ADVENTO**. A palavra significa "**chegada**" ou "**vinda**"; e constitui a tradução latina ("adventus") da palavra grega "parousía". Curiosamente, a palavra nunca é usada, com sentido natalício, nos Evangelhos canônicos. Só ocorre em Mateus (e só quatro vezes). Nenhum outro evangelista do Novo Testamento a emprega.

O que devemos entender por este período de espera relativamente à "vinda" (ao "advento", portanto) de Jesus? Ele não veio já? Não veio já ao mundo, para ser rejeitado e crucificado? Todos os anos esperamos que ele chegue de novo? É ele que tem de chegar?

Segundo a teologia cristã, ele pode chegar a qualquer hora, a qualquer momento. Não, porém, como bebé. A "parousía" de Jesus é entendida

teologicamente como trazendo o fim do mundo e o juízo final.

Mas não é nisso que nós pensamos quando damos início ao Advento, neste caminho rumo ao Natal. Ninguém dispõe o presépio e decora a árvore de Natal pensando no juízo final. Porque pensamos num bebé. Pensamos na manjedoura (apenas mencionada, no Novo Testamento, por Lucas). Pensemos na gruta de Belém, onde (segundo o apócrifo Evangelho de Tiago) Jesus terá nascido.

No quadro do pintor veneziano Giorgione (que morreu em 1510), vemos o

Menino com Maria e José, à entrada da gruta, deitado no chão. O gesto e o semblante de devoção das personagens é comovente. Os animais esticam as cabeças para estarem abrangidos pela irradiação divina do bebé.

Ora, os dois homens que adoram o Menino não são especificamente pastores (não há ovelhas); o que fica claro é que eles **VIERAM** de longe e que **CHEGARAM** ali.

“Advento”, cada ano, é isso. Não tanto Jesus que chega até nós; mas nós, que fazemos a viagem para chegarmos até ele.

## FREDERICO LOURENÇO.

Escritor, tradutor e professor de Estudos Clássicos na Universidade de Coimbra.  
Prémio Pessoa 2016.

<https://www.facebook.com/professor.frederico.lourenco>

# Imaculada Conceição de Maria



Chegou sem ser esperado, veio sem ter sido concebido. Só a mãe sabia que era filho de Deus. Só a mãe sabia que era filho do anúncio de Deus, na voz de um anjo.

Só as mulheres, as mães, sabem o que é o verbo esperar. O género masculino não tem constância

nem corpo para hospedar esperas. Sinto de novo a agravante de ignorar fisicamente a voz do verbo esperar. Não por impaciência, mas por falta de capacidade: nem mesmo durante as febres de malária me acontecia recorrer ao repertório das fantasias de me curar, de estar à espera de.

Nos despertares matutinos ao folhear Isaías leio: «Felizes aqueles que o esperam» (Is 30,18). Mas mais forte do que esta notícia, no mesmo versículo está escrito «Por isso esperará Deus para vos fazer misericórdia». Existe uma primeira espera, que espera por Deus e tem o mesmo verbo hebraico. Na sua redução à forma da espécie humana, o Seu tempo infinito contrai-se no finito de uma espera. Deus espera: «para vos fazer misericórdia».

O tempo de Advento vive desta imitação, defronte à eternidade de um Deus que aceita fazer-se tempo, irrompendo no mundo em meses estabelecidos com nascimento, morte e ressurreição.

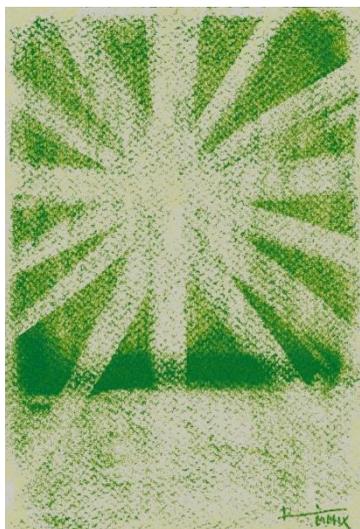
Quem tem no seu corpo os recursos para conceber esperas, conhece do versículo de Isaías a imensidade da correspondente espera de Deus.

ERRI DE LUCA

In *Caroço de Azeitona* (adpt.)

# Rezar à luz da estrela do Advento

Visite-nos Senhor tua alegria.  
Seja ela o dom que sustém esta hora da nossa vida.  
Tenha o poder de reedificar o caído,  
de aclarar a tenda que a noite atribulou,  
de unir aquilo que a tristeza ou o cansaço interromperam.  
Seja ela o sinal da leveza com que nos vês,  
a carícia que nos estendes no tempo,  
o assobio que inaugura as tréguas.  
Dá-nos Senhor, neste tempo,  
a alegria como alento revitalizador.  
Inscрева ela em nós o sabor  
da vida abundante e multiplicada;  
perfume cada um dos nossos gestos;  
traga às nossas palavras a luz das estrelas  
que emprestam à noite uma inesquecível doçura.



Texto: card. José Tolentino Mendonça

Imagem: Rui Aleixo

# Rezar em Tempo de Advento

Como é fácil, Senhor Jesus,  
Daqui, de ao pé da tua Cruz,  
Avistar a paisagem do Advento,  
Compreender-lhe a mensagem,  
Respirar-lhe o alento.  
Daqui, de ao pé da tua Cruz de Luz,  
Sem dúvida o lugar mais alto do mundo,  
Mais alto e mais profundo,  
Vê-se bem, com toda a claridade,  
Que a lonjura do Advento não é horizontal.  
Eleva-se em altura.  
Como a tua túnica tecida de Alto-a-baixo,  
Vertical,  
E sem costura.  
Tu vens do Alto, Senhor.  
Tu vens de Deus.  
Tu és Deus.  
Tu és o Justo  
Que chove das alturas  
Sobre a nossa humanidade sedenta e às escuras.  
Vem, Senhor Jesus,  
Alumia e rega a nossa terra dura,  
Acaricia o nosso humilde chão  
E modela com as tuas mãos de amor  
Em cada um de nós  
Um novo coração  
Capaz de ver.  
Capaz de Te ver  
Nascer  
Em cada irmão.

D. ANTÓNIO COUTO

(Bispo da Diocese de Lamego)

# Sem caminhos para Deus

**S**ão muitas pessoas que não são crentes nem descrentes. Simplesmente se instalaram numa forma de vida em que não pode surgir a questão do sentido último da existência. Mais do que de não crença, devíamos falar, nestes casos, de uma falta de condições indispensáveis para que a pessoa possa adoptar uma postura crente ou descrente.

São homens e mulheres que carecem de uma «infraestrutura interior». O seu estilo de vida impede-os de entrar em contacto um pouco profundo consigo mesmos. Nunca se aproximam do fundo do seu ser. Não são capazes de escutar as perguntas que surgem desde o seu interior.

No entanto, para adotar uma posição responsável ante o mistério da vida é indispensável chegar até ao fundo de si mesmo, ser sincero e abrir-se à vida honestamente até ao fim.

Por detrás da crise religiosa de muitas pessoas, não se encerra com frequência uma crise anterior? Se tantos parecem afastar-se hoje de Deus, não é porque antes se afastaram de si mesmos e se instalaram num nível de existência onde Deus já não pode ser ouvido?

Quando alguém se contenta com um bem-estar feito de coisas, e o

seu coração está preso apenas por preocupações de ordem material, pode lucidamente perguntar-se por Deus?

Quando uma pessoa procura sempre satisfação imediata e o prazer a qualquer preço, pode abrir-se com profundidade ao mistério último da existência?

Quando se vive privado de interioridade, esforçando-se por aparentar ou ostentar uma determinada imagem de si mesmo diante dos outros, pode-se pensar-se sinceramente no sentido último da vida?

Quando uma pessoa vive sempre virada para o exterior, perdendo-se nas mil formas de evasão e divertimento que esta sociedade oferece, pode realmente encontrar-se consigo próprio e perguntar-se sobre o seu último destino?

«Preparai o caminho para o Senhor». Este grito de João Batista não perdeu actualidade. Quer estejamos conscientes disso ou não, Deus está sempre vindo a nós. Podemos de novo encontrarmos com ele. A fé pode ser despertada novamente nos nossos corações. A primeira coisa que necessitamos é encontrarmo-nos com nós próprios com mais profundidade e sinceridade.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA